


## **A importância do protagonismo de crianças e jovens em Acolhimento Residencial: Um estudo de caso português**

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.007-034>

**João Pedro Gaspar**

Centro de Estudos Interdisciplinares da Universidade de Coimbra

**José António Coelho**

Plataforma de Apoio a Jovens (Ex) Acolhidos (PAJE)

**Rachel Baptista**

Serviço de Perícias Judiciais do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (SEJUD/TJRJ)

**Maria Helena Zamora**

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ)

---

### **RESUMO**

A Plataforma PAJE – Apoio a Jovens (Ex)acolhidos – Associação levou a cabo um projeto apoiado pela Eurochild que envolveu oito Casas de Acolhimento Residencial de crianças e jovens em risco, da zona Centro de Portugal com o objetivo de dar voz aos usuários do sistema de Acolhimento Residencial em Portugal colocando-os no lugar de protagonismo social. Foi realizada uma pesquisa do tipo estudo de caso onde foram ouvidas cem pessoas entre doze e vinte e dois anos, institucionalizadas durante o período de um a dez anos. Os dados foram coletados por meio de assembleias de residentes, sem a presença de técnicos ou educadores das Casas de Acolhimento, e analisados a partir da metodologia da análise de conteúdo. Os resultados revelaram a importância da reconstrução de enredos, o resgate identitário e novas possibilidades de narrativas pessoais dos meninos e meninas. Conclui-se que é necessário dar continuidade a esse tipo de trabalho para que se possa subsidiar novas políticas públicas e repensar a forma de atendimento a esse público.

**Palavras-chave:** Acolhimento residencial, Crianças e jovens, Risco, Protagonismo.

## 1 INTRODUÇÃO

As crianças e jovens em situação de acolhimento ou retiradas à família biológica, conhecendo outra realidade familiar ou mesmo o acolhimento residencial, foram com alguma frequência, expostos a situações de negligência, abuso e separação - o que pode originar trauma, com efeitos duradouros na sua saúde mental. Tal constatação pode se referir às situações disruptivas presentes na vida dos indivíduos, que precisaram passar por vivências de intervenção judicial e consequente separação parental. Esses componentes podem ser preditores de emoções e sentimentos negativos que, segundo a literatura, devem ser tratados com intervenções em diversos níveis (Burgin et al. 2022).

Neste âmbito, agravados com a situação ainda recente de pandemia, onde o isolamento social foi necessário, as crianças e adolescentes inseridos no sistema de proteção podem desenvolver ou facilitar a eclosão de desordens mentais (Chodura et al 2021; Whitt-Woosley et al.2022; Bussièrès et al. 2021); Neste sentido, as consequências da permanência em ambientes violadores podem ter impacto persistente no bem-estar físico e mental ao longo da vida (Naylor et al. 2019).

Neste contexto, o trauma se apresenta de forma diferenciada para cada pessoa, podendo variar, inclusive, de acordo com o estágio de desenvolvimento. Esta forma de reação do organismo é caracterizada como uma experiência na qual não se está pronto para reagir de forma adequada a um evento específico, ou à repetição de situações desconfortáveis, afetando o equilíbrio emocional do indivíduo podendo levar a alterações nos circuitos e redes cerebrais (Hoppen & Morina, 2019) causando disfunções em diferentes níveis da vida (APA, DSM-5, 2022; OMS, CID-11, 2019).

A exposição a experiências adversas na infância e juventude pode trazer consequências negativas em termos biopsicossociais ao longo da vida, levando à dificuldade na regulação dos afetos, além de entraves nas relações interpessoais e ao sentimento de autculpa (Larkin, Shields & Anda, 2012; APA, DSM-5, 2022). As diferentes formas de negligência sofridas em situação de acolhimento pode causar o que se chama de trauma complexo: um tipo de perturbação que vai se instalando por meio de exposição crônica a situações disruptivas, podendo levar ao adoecimento extenso com diferentes comorbidades associadas (Ross et al 2020).

Neste sentido, uma das formas de lidar com a questão é fazer valer os direitos adquiridos constitucionalmente por meio da escuta ativa desses meninos e meninas para que se possa dar-lhes voz, empoderá-los, trazê-los para um ambiente realmente acolhedor, validar suas demandas, a participação ativa nas decisões de sua vida e possibilitar-lhes o devido encaminhamento e tratamento com profissionais especializados.

Dessa forma, a voz das crianças e jovens em acolhimento torna-se cada vez mais relevante num mundo em que empatia, respeito e solidariedade são fundamentais. Nesta linha de pensamento, surge a necessidade de aferir a capacidade dos técnicos de acolhimento em saber escutar e estar presentes nas diversas situações do cotidiano diário para que possam ser os agentes de mediação das

necessidades e desejos desse público. Assim, a escuta da infância, institucionalizada ou não, é um assunto de grande relevância e consiste em uma tarefa desafiadora e realmente necessária (Guimarães, 2015; Bouma et al, 2018).

Dessa forma, o projeto *“From Voice to Action”* por meio da Plataforma PAJE – Apoio a Jovens (Ex)acolhidos – desenvolveu um projeto apoiado pela Eurochild, que envolveu oito Casas de Acolhimento Residencial de crianças e jovens em risco, da zona Centro de Portugal com o objetivo de averiguar se o Sistema de Promoção e Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (SPCJP), lhes facultava a possibilidade de terem voz nas suas vivências diárias (na Casa e na Escola) e se as suas opiniões/vontades são tidas em conta nas diversas decisões tomadas pelos órgãos políticos e diretivos das diversas Casas de Acolhimento.

Neste estudo recorreremos à metodologia qualitativa do estudo de caso com visitas de campo, entrevistas e observação participativa. Os instrumentos utilizados na recolha de dados se basearam na audição dos jovens, após lhes ter sido solicitada a sua participação, em grupo, numa discussão/debate sobre assuntos relacionadas com o sistema de Acolhimento, o funcionamento das Instituições onde residem, não sendo negligenciadas questões relacionadas com a Escola e os sentimentos e emoções que emergem por viverem em contexto residencial. As discussões/debates foram distribuídas por três sessões decorridas nas Casas de Acolhimento de três distritos da zona Centro, em que participaram cem jovens com idades compreendidas entre os doze e os vinte e dois anos. O projeto culminou com dois encontros finais, realizados num pavilhão, em Coimbra, onde as crianças, jovens e cuidadores das Casas participantes se reuniram para a realização de dinâmicas.

Os dados foram recolhidos, num ambiente informal, em assembleias de residentes, sem a presença de técnicos ou educadores das Casas, onde se promoveu a reflexão sobre os temas supracitados. Para a coleta foi utilizada gravação e posterior transcrição pelos profissionais: assistente social e psicólogo e docente doutor em psicologia da educação. O estudo foi autorizado por todas as direções das Casas de Acolhimento e pela Eurochild. Os dados foram analisados com recurso à metodologia Análise de Conteúdo (Bardin, 2012). "Na escolha desta metodologia tivemos em conta que o ponto de partida é a mensagem, mas devem ser consideradas as condições contextuais de seus produtores e assenta-se na concepção crítica e dinâmica da linguagem" (Puglisi; Franco, 2005, p. 13). Deve ser considerado, não apenas a semântica da língua, mas também a interpretação do sentido que um indivíduo atribui às mensagens.

Após a conclusão do projeto realizou-se um Relatório Final com a compilação dos conteúdos discutidos nas Assembleias e, de alguma forma, também nos Encontros finais (Encontrões), que posteriormente foi entregue à Eurochild, bem como aos responsáveis das Casas de Acolhimento e a outros *players* nesta matéria. Os resultados finais foram entregues pela Eurochild a duas Comissárias

Europeias, para sustentarem alterações legislativas relativamente à audição de crianças e jovens em risco.

Importa assim averiguar a existência de escolas mais inclusivas, abordando a importância da equidade, da empatia e da sensibilização de professores e restantes membros da comunidade educativa para a temática do acolhimento, por vezes tão desconhecida e até mesmo negligenciada, nos momentos de interação escolar (Delgado & Gersão, 2018).

Nesta linha de pensamento, torna-se imperativo dotar a Escola de mecanismos que lhe possibilitem diagnosticar e consciencializar para traumas na infância (Spalletta et al. 2020), tendo plena consciência do significado de “estar em acolhimento”. Martin e Jackson (2002) refletem sobre a importância de uma boa comunicação entre cuidadores e a escola tornando-a como um elemento essencial. Segundo estes autores a comunidade educativa deve, ainda, estar informada sobre o funcionamento da instituição de acolhimento. Pecora *et al.* (2006, citados por Franz & Branica, 2013) acrescenta a importância de alertar e orientar os professores e as escolas para os problemas que estas crianças e jovens apresentam, proporcionando aos alunos acolhidos e aos seus cuidadores as informações detalhadas acerca das novas possibilidades educativas.

Abordando a realidade das Casas de Acolhimento e a Escola, não se poderia descurar a gestão das emoções. Uma gestão e reconhecimento adequado das emoções tem consequências positivas nas relações interpessoais, repercutindo, entre outros, na melhoria da qualidade de vida.

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO

Existem, atualmente, em Portugal mais de seis mil crianças em situação de acolhimento (Relatório CASA 2021), tendo sido maioritariamente retirados das suas famílias biológicas, pares e comunidades e ficam com acesso condicionado a uma vida que lhes era familiar, com uma série de perguntas não respondidas e esperanças não escondidas de futuro. A integração de uma criança no sistema de acolhimento está geralmente associada a traumas, angústia psicológica e sentimentos de isolamento e solidão. Estas crianças podem duvidar das suas capacidades e sentir-se inferiores aos seus pares que provêm de ambientes familiares mais estáveis e não foram expostos a uma perturbação significativa da sua realidade doméstica.

O impacto negativo sobre a autoestima das crianças em acolhimento (Nsabimana et al. 2019) pode implementar o desenvolvimento da perda de confiança em si mesmo e da culpabilidade gerando adoecimento psíquico podendo levar ao desenvolvimento de diferentes transtornos de conduta (Mohamed et al. 2022) e mentais tais como ansiedade generalizada e depressão (Pop-Jordanova, 2019) crianças com idades compreendidas entre 6 e 12 anos começam a procurar a aprovação dos outros por meio da obtenção de competências específicas, valorizadas pela sociedade (Koller et al. 2019; Lerner, 2018) e são essas o principal alvo da presente investigação.

A intervenção tutelar de promoção e proteção, expressa na Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo [(LPCJP)(do Porto 2020)], desenvolve-se relativamente a casos em que se verifique a ameaça dos direitos essenciais (cívicos, sociais, económicos e culturais) da criança ou jovem até aos 18 anos de idade que, por tal se vê em situação de perigo para a sua segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento, requerendo-se, deste modo, a atuação do Estado.

Neste contexto, os sistemas sociais e judiciário devem responder ao perigo identificado desencadeando ações que proporcionem as condições adequadas à promoção dos direitos e proteção das vítimas de qualquer forma de exploração ou abuso, abandono ou tratamento negligente, ou quando se vejam privados de um ambiente familiar que garanta o seu bem-estar e desenvolvimento integral (Guerra, 2004; Bolieiro e Guerra, 2009)

## 2.1 UM CASO PRÁTICO...

O projeto From Voice to Action aconteceu em três sessões decorridas em oito Casas de Acolhimento de três distritos da zona Centro de Portugal, culminando com dois encontros finais, realizados num pavilhão, em Coimbra, onde as crianças, jovens e cuidadores das Casas participantes se juntaram.

**1º Sessão:** *Discussão relativa ao funcionamento do Sistema de Promoção e Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (e.g., processo do acolhimento/retirada; envolvimento da criança/jovem acerca dos motivos da sua retirada; a intervenção no momento da chegada à Casa de Acolhimento; a relação entre a Casa de Acolhimento e a família...).*

Importa referir que a generalidade das crianças/jovens sabia o motivo do acolhimento, no entanto, alguns não sabiam porque estavam a ser acolhidos e até houve quem referisse que, mesmo dizendo-lhes, não lhe fez sentido.

“Sim. Eu achei que vir para cá era culpa minha, mas depois explicaram-me que não.”

A permanência em acolhimento é outra vertente que importa desmistificar, pois, com alguma regularidade, as crianças e jovens são informados que esta situação é meramente pontual e de curta duração, quando, na maioria dos casos, permanecem muitos meses/anos.

“A mim disseram-me que ia estar 3 meses e fiquei muito mais.”

No que diz respeito ao funcionamento da Casa de Acolhimento, a generalidade dos jovens referiu gostar que determinadas coisas mudassem, para que se sentissem verdadeiramente em casa, por exemplo, as regras em relação à utilização do telemóvel, não haver castigos coletivos, as regras serem adaptadas à idade de cada jovem.

“Às sextas-feiras deitamo-nos à meia noite e temos de entregar o telemóvel às 21h30, o mesmo acontece aos sábados, onde podem deitar-se à 01h00 da manhã.

“O que acontece é que por vezes estão a ver uma série na televisão e todas nós temos que estar a ver, mesmo que não gostemos, porque não temos o nosso telemóvel para ver as nossas próprias séries.”

“Acho que não deveria haver castigos coletivos – todos pagarem por um.”

- Há várias opiniões distintas sobre a perceção que têm da Casa de Acolhimento, das regras e dos seus recursos humanos.

✓ *“Mudava algumas pessoas que trabalham cá, sinto que alguns não me compreendem, são insensíveis.”*

✓ *“O que faz com que não pareça uma casa não são até as regras, mas a maneira como somos tratados, o clima afetivo da casa.”*

✓ *“Dizem que aqui não há regras para cada um, há regras para todos, de igual forma.”*

✓ *“O regime aqui na Casa faz com que alguns colegas nossos decidam fugir.”*

✓ *“Deveríamos conseguir esquecer que estamos numa CA, deveríamos sentir que estávamos na nossa casa.”*

✓ *“Tudo o que é colocado no prato tem de ser comido. Se não for, fica para a próxima refeição.”*

✓ *“Sentimos que é muito fácil haver uma penalização aqui. Todos os dias há alguém que fica penalizado.”*

✓ *“Mexem nas nossas coisas sem autorização, mexem no nosso quarto, não respeitam a individualidade e privacidade. Colocam coisas nossas no lixo sem nos consultar, ou levam coisas nossas para o gabinete delas.”*

✓ *“Muitos referiram que por vezes viver aqui parece que se está a viver num hospital ou uma prisão.”*

✓ *“Tratam todos por igual, mas cada um é um.”*

Outro ponto focado, foi a falta de sensibilidade por parte dos cuidadores que, apesar de se mostrarem disponíveis, não estabelecem a fundamental relação de empatia.

✓ *“Não nos sabem acordar em condições. Hoje eram 07h30 quando nos foram acordar e dizem «num minuto têm de se levantar, caso contrário, são penalizados»”.*

✓ *“A maneira como somos tratados, com mais respeito e compreensão de que somos pessoas. Sinto que precisam de confiar mais em nós.”*

A permanência na Casa de Acolhimento pressupõe uma adaptação a uma nova realidade, com a aprendizagem de novas competências, que conferirão um potencial de crescimento até já voltado para um processo de autonomização. Embora não seja partilhado por todos os jovens de todas as Casas, a generalidade concorda que seria importante existir uma discriminação positiva após a sua saída.

✓ *“Eu sei o que quero fazer e sei que tenho capacidades para o fazer, mas as técnicas não acreditam e tentam mudar-me as ideias”.*

✓ *“Acho que precisávamos mais de autonomia e para isso é preciso mais confiança e respeito.”*

O dia da chegada à Casa de Acolhimento permanecerá para sempre nas suas mentes...

✓ *“Às vezes lembro-me muito do dia em que cheguei, foi marcante. Mas não houve nenhum bolo, nada que sinalizasse efetivamente a minha chegada. Apenas me apresentaram às pessoas.”*

✓ *“Estava a chover. Pedi gelados e deram-me gelados. Chorei por estar muito feliz.”*

✓ *“A nossa família é o nosso lar. Separar-se da família é uma coisa muito difícil. Para mim, estar com a minha mãe é inesquecível, apesar de acontecer coisas más, eu adoro, ela está no meu coração.”*

De uma forma geral, uma grande percentagem dos jovens considera importante os decisores políticos terem conhecimento do que acontece nas CA. Contudo, alguns jovens de algumas Casas consideram que não.

✓ *“Acho que os adultos sabem o que precisamos.”*

✓ *“É a nossa vida, devem ouvir-nos, mas quem decide são os adultos.”*

✓ *“O Tribunal deixa-me ir a casa e a Casa de Acolhimento não.”*

Na generalidade, os jovens referiram que quando entravam na Casa, lhes era explicado todo o funcionamento (regras, horários, etc.).

*“Tudo o que é colocado no prato tem de ser comido. Se não for, fica para a próxima refeição.”  
“Se explicaram, explicaram mal.”*

Vários jovens acreditam que mais poderia ter sido feito para que não viessem para a Casa.

*“Às vezes sinto que há demasiadas pessoas a construir o meu projeto de vida por mim.”*

*“Às vezes o projeto de vida não bate sempre certo.”*

O acolhimento institucional viu, durante muito tempo, a dimensão escolar como uma questão negligenciada, isto talvez pelo facto de se pensar que estas crianças e jovens não poderiam ter sucesso escolar (Berridge, 2012). No entanto, Brodie (2009, citado por Berridge, 2012) através dos diversos estudos realizados referem que atualmente existe uma maior consciência da necessidade de dar prioridade às experiências educacionais nas crianças e jovens em acolhimento.

**2º Sessão:** *Discussão em volta de questões reportadas na escola.*

Pretendemos criar escolas mais inclusivas, envolvendo-as no tema da Assembleia (i.e., abordagem escolar, a importância da equidade e empatia, sensibilização dos professores e restante comunidade escolar para a temática do acolhimento, entre outros), com a presença e/ou participação de dois ou três professores.)



Enquanto alguns jovens (ex)acolhidos consideram a escola ou a faculdade um refúgio seguro, para outros pode ser mais um lugar de relutância, onde lutam para serem compreendidos e respeitados. Nestas circunstâncias, é importante construir escolas mais conscientes dos traumas na infância e escolas que compreendam o que significa estar em acolhimento, de forma a proporcionar um ambiente acolhedor para todos e que lhes permita o pleno desenvolvimento das suas capacidades.

Nesta sessão, alguns jovens referiram sentir que eram tratados de forma diferente (quer pela positiva, quer pela negativa) por colegas ou professores, por viverem numa Casa de Acolhimento.

Tanto os jovens como os professores presentes consideram que é importante que quem trabalha na escola tenha conhecimentos sobre as consequências das experiências adversas na infância e da implicação que isso pode ter ou não nos comportamentos de um jovem. Acham ainda que os professores, auxiliares e técnicos das escolas devem conhecer e estar preparados para o que significa viver em acolhimento (Delgado & Baptista, 2020).

Alguns jovens relataram que, por estarem acolhidos, por vezes precisavam de faltar às aulas para ir à CPCJ, ou ao Tribunal, ou a uma consulta, e que os professores estigmatizavam, considerando as suas faltas como sequência da sua vivência em acolhimento e possível “comportamento desajustado”.

As conversas com os jovens permitiram uma reflexão sobre as suas opiniões a respeito desta temática, concluindo-se que são heterogêneas e algumas diametralmente opostas.

A título de exemplo, houve quem valorizasse a escola e a percecionasse como suporte para o seu desenvolvimento integral.

“É uma chave para a vida.”

“A escola para mim é um refúgio, uma aprendizagem.”

“A escola para mim é como se fosse a segunda casa.”

“A escola no todo é acolhedora.”

Dentro da escola, o papel dos professores é único, sobrepondo-se, por vezes, ao dos colegas, talvez por necessitarem de uma figura adulta de referência.

✓ *“Os professores compreendem as dificuldades que eu sinto por viver na Casa de Acolhimento.”*

✓ *“Eu gosto das pessoas, são acolhedoras, principalmente os adultos, estão sempre a ajudar (o meu diretor de turma por exemplo). Também gosto da minha turma e de estudar.”*

✓ *“Eu acho que só a minha diretora de turma é que compreende o que é crescer fora da família. Considero o meu Diretor de Turma como família.”*

Muitos destes jovens acolhidos sentem-se por vezes discriminados, negativamente, face aos demais colegas.

✓ *“Houve um professor que me disse «é bem feito estares na casa de acolhimento!»”*



✓ *“Os meus colegas ficam a olhar para a carrinha quando chego à escola... eu sinto vergonha de estar aqui e de a carrinha ter aquelas coisas escritas.”*

✓ *“Não gosto quando me levam à escola, a carrinha está identificada e cheia de meninos e meninas. Embora ninguém goze com isso, não gosto!”*

✓ *“Às vezes gozam comigo, mas na brincadeira. Não levo a mal.”*

✓ *“Quanto mais julgam, pior a pessoa faz. Há pessoas que não percebem, pensam que isto é uma casa da correção, perguntam-me logo o que é que eu fiz para vir para cá.”*

✓ *“Há lá um rapaz que quando ele soube que eu vivia aqui, está sempre a mandar piadas sobre a família e sobre pais.”*

✓ *“Sinto que sou tratado de forma diferente e até com algum desprezo.”*

✓ *“Não gosto quando falam que vivo numa instituição. Eu vivo numa Casa, isto é uma Casa normal.”*

A escuta destes jovens permitiu identificar situações de sentimento de inclusão escolar.

✓ *“Na escola não há pobres, são todos iguais.”*

✓ *“Acho que é importante saberem. Pode ajudar a compreender as situações e não julgarem logo.”*

✓ *“Sinto que todos me tratam de forma igual.”*

Nem todos os jovens veem a escola como um suporte das suas vidas, relatando experiências discriminatórias da sua condição.

✓ *“A escola é um lugar terrível, não gosto da escola.”*

✓ *“Eu não gosto da escola, nem das pessoas de lá. Não gosto de nada.”*

✓ *“Uma vez não consegui entregar um papel que a professora tinha pedido para trazer assinado e ela disse-me «a culpa não é minha se não tens pais, agora desenrasca-te.»”*

✓ *“A certa altura da minha vida eu comecei a cortar os meus braços. E a dado momento decidi parar de esconder os meus braços... um dia numa aula a professora disse que quem fazia isso era para chamar a atenção. E todos os meus colegas ficaram a olhar para mim. Senti-me humilhado.”*

✓ *“Eu estava no 3º ano ou no 4º. Eu não queria estar a ter aulas e dormi a aula toda. A professora não gostou e queria mandar-me embora. Eu fiquei muito nervosa e comecei a colocar tudo ao chão, a deitar os cadernos e material (meu e dos meus colegas) ao chão. Senti muita vergonha porque não quis que aquilo acontecesse à frente de toda a gente e na verdade eu não queria ter magoado ninguém com o meu comportamento.”*

Ouvimos relatos de jovens que conseguem diferenciar a massa humana da escola, da própria instituição.



- ✓ *“Não gosto da escola, mas gosto mais das pessoas de lá.”*
- ✓ *“Confio nos professores, nos adultos, mas alguns colegas não. Confiamos nos adultos porque se demonstram muito carinhosos e preocupam-se mesmo connosco.”*
- ✓ *“Com o tempo percebi que não podia contar tudo aos jovens da minha idade, ao contrário do que acontecia com os adultos.”*

A discriminação positiva, na escola, pela situação de acolhimento, também se fez sentir.

- ✓ *“Entre a escola e a instituição, eu prefiro a escola, há mais que fazer. Eu inscrevi-me em todos os apoios para poder ficar até mais tarde na escola.”*
- ✓ *“Na minha turma todos sabem que vivo numa CA, porque os professores falam disso à frente de todos.”*
- ✓ *“Não é tratar diferente, mas como eles sabem que eu estou cá, eles têm cuidado com a forma como falam. Por exemplo, em vez de dizerem «o meu pai, a minha mãe», eles dizem «o meu encarregado de educação»”.*
- ✓ *“Tenho uma colega que um dia me disse que tinha inveja de mim, porque sentia que eu era muito amada aqui. Essa colega está numa situação em que não tem condições em casa, e tem muitos problemas (financeiros, de relacionamento...).”*

**3ª sessão:** *Discussão em volta do tema “Gestão de Emoções”.*

Considerando a infância e a adolescência um período onde a vulnerabilidade prevalece, alguns fatores poderão aumentar as situações de risco e de perigo, tais como: ansiedade, desagregação familiar, violência, maus tratos, abandono, entre outros (Sapienza & Pedromônico, 2005).

A questão da rápida e expressiva aprendizagem está inerente às crianças e jovens. Esta aprendizagem passa também pela aquisição e desenvolvimento das emoções, que são essenciais para o seu desenvolvimento (Souza, Ferreira & Souza, 2021). As emoções integram o crescimento do ser humano, acompanhando a evolução das crianças. De outra forma, o desenvolvimento humano seria caótico "e a aprendizagem da criança e do adolescente, um drama indescritível, as emoções tomariam conta das funções cognitivas e os seres humanos só saberiam agir de forma impulsiva, excitável, eufórica, episódica e desplanificada" (Fonseca, 2016).

Uma gestão e reconhecimento adequado das emoções tem consequências positivas nas relações interpessoais, repercutindo-se, entre outros, na melhoria da qualidade de vida. O passado das crianças e jovens acolhidos e ex-acolhidos é, na sua maioria, repleto de situações adversas, sendo que estas crianças/jovens são vítimas precoces de situações de negligência, violência doméstica e abusos, o que serve de alavanca (a idade, a resiliência e a abordagem dos técnicos na casa de acolhimento podem, por si só, ser fatores de risco ou protetores) a uma de vida desajustada e sofrida emocionalmente.

As emoções, sendo pessoais, podem ser transmissíveis e vivendo-se numa Casa de Acolhimento, torna-se mais difícil a partilha do que se sente dentro das paredes, nem sempre

acolhedoras (Dobbertin et al. 2024; Fernández-García et al. 2023). Além disso, o trauma de separação vivenciado por essas crianças e jovens pode ser um grande condutor de dificuldades diversas na vida deles (Ismayilova et al. 2023). Assim, revelou-se de extrema importância a criação de dinâmicas que auxiliem os jovens a reconhecer as emoções e identificá-las em si e nos outros (Mérida-López et al. 2024; Israelachvili et al. 2019; Lionetti et al. 2015), de forma a proporcionar um presente e futuro onde estes pudessem ter experiências de vida mais felizes e significativas.

Por meio de dinâmicas adaptadas às faixas etárias em questão e aproveitando a relação que as interações em sessões anteriores permitiram, conseguimos que soltassem expressões e verbalizassem pensamentos, tais como:

## 2.2 SENTIMENTO DE PERDA

“Perder as pessoas custa muito, mas depois habituamo-nos e tornamo-nos insensíveis.”  
“Todos os que vivemos acolhidos conhecemos bem o significado de perda.”

### 2.2.1 Solidão

“Não podemos contar com ninguém, é cada um por si.”  
“Leio, ouço música, tento lembrar-se de coisas boas ou até piadas, para se rir.”  
“Tanto podemos sentir na C.A. como na família”.  
“Não tenho ninguém no mundo... sinto isso muitas vezes. Nasci e vou morrer só”.

### 2.2.2 Saudade

“A saudade nunca desaparece.”  
“Sinto saudades dos meus colegas, até dos cheiros do lugar onde vivia com a minha família.”  
“Saudades da minha mãe... da minha família”.

### 2.2.3 Raiva

“Sinto mais raiva por estar na Casa de Acolhimento.”  
“É frequente sentir raiva – bato com a cabeça na parede.”  
“Quando as pessoas pensam que sabem o que sinto, mas não sabem nada.”  
“Para passar, grito, vou para o telemóvel, “fico a bater mal” com as pessoas.”

### 2.2.4 Revolta

“Muita no início do acolhimento... agora já não faz sentido. Usei as “minhas armas interiores e sinto-me mais crescido emocionalmente”.  
“Afasto-me para o meu quarto.”

### 2.2.5 Frustração

“Quando estou frustrada tenho raiva, bato, atiro o chinelo e digo palavrões.”  
“Nesses momentos fico zangado, mas depois acalmo.”



“Como já não espero muito... não me sinto frustrado.”  
“Guardo para mim.”  
“Não me sinto mais frustrado por estar numa casa de acolhimento.”

### **2.2.6 Tristeza**

“Aqui dentro (na C.A.) é quase sempre.”  
“É frequente, muito frequente.”  
“Quando estou triste recorro aos meus amigos da C.A.”  
“Quando estou triste, choro, ouço música, conto até 100, expiro com força.”

### **2.2.7 Vergonha**

“Sinto, de alguns colegas aqui da C.A.”  
“Aqui tenho mais vergonha do que na minha família.”  
“Tanto ficar sozinha e ouvir música. Preciso disso... não quero ninguém a dizer para me acalmar.”  
“Vou para a Natureza.”

### **2.2.8 Ansiedade**

“Sinto-me ansioso à noite.”  
“Fico a chorar e depois passa.”  
“Adormeço para passar a ansiedade.”  
“Sinto antes de um teste...”  
“Sinto e muitas vezes! Começa com um aperto muito forte no coração.”  
“As minhas unhas mostram a minha ansiedade.”

### **2.2.9 Medo**

“Medo de alguns colegas na casa.”  
“Medo quando a Bea me bate.”  
“Quando estou com medo, peço ajuda aos adultos da C.A.”  
“O que despertou o medo foram os pesadelos.”

### **2.2.10 Euforia**

“Quando tiro boas notas.”  
“Quando ganho uma coisa que quero muito.”

### **2.2.11 Alegria**

“Quando estou com os meus amigos.”  
“Quando visito a minha família.”

### **2.2.12 Bondade**

“Ser amável para os outros”.  
“Não chatear os outros”.



## 2.2.13 Carinho

“Há carinho aqui na Casa de Acolhimento”.  
“Podia haver mais... mas há”.  
“O Vivi não gosta de dar ou receber abraços.”  
“Não podemos contar com ninguém, é cada um por si.”

## 2.2.14 Amor

“Amor mata.”  
“Aqui em casa é preciso mais amor.”  
“Lá fora há mais amor.”  
“Aqui há mais amor do que minha casa.”

## 2.3 ENCONTROS COM AS VÁRIAS CASAS DE ACOLHIMENTO PARTICIPANTES

O projeto foi coroado com um Mega Encontro final, dividido em dois momentos, onde puderam estar presentes cerca de 50 crianças e jovens em cada um, contando ainda com a presença de profissionais das Casas de Acolhimento envolvidas. Proporcionaram-se dinâmicas diversas, ateliers de música, estética, desporto, pintura, boa música, comida boa e momentos de reflexão. Houve partilhas em pequenos grupos e no grande grupo, onde os jovens puderam expor as suas certezas, medos e anseios, mas acima de tudo, a esperança de que o amanhã será um dia melhor.

## 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto From Voice To Action teve como principal objetivo ouvir os pontos de vista daqueles que são especialistas nesta área – os meninos e meninas que vivem em acolhimento residencial. Após a conclusão do projeto realizou-se um Relatório Final com a compilação dos conteúdos discutidos nas Assembleias e, de alguma forma, também nos Encontros finais (Encontrões), que posteriormente foi entregue à Eurochild, bem como aos responsáveis das Casas de Acolhimento e a outros *players* nesta matéria. Esperamos que este documento possa produzir mudanças nas oito Casas de Acolhimento participantes. Por meio da implementação e/ou afirmação das assembleias de jovens como prática constante, de forma a que num espírito colaborativo as crianças e os seus cuidadores possam perceber-se melhor, bem como às suas motivações. Igualmente pelas conclusões que são entregues aos responsáveis de cada Casa envolvida no projeto, para que esta reflexão sobre aspetos a melhorar no Sistema de Promoção e Proteção, mas também em cada estrutura residencial, possa conduzir a um melhor serviço prestado.

Pretende-se que as vozes das crianças e jovens participantes – uma centena – possam influenciar mudanças nas políticas e práticas do Sistema de Acolhimento em Portugal.

Juntos, vamos contribuir para a qualidade do Acolhimento em Portugal, por meio das sugestões, propostas e recomendações dos jovens em acolhimento.



Num cenário de acolhimento, nem sempre as histórias oficiais dessas crianças podem ser narradas com precisão, havendo muitas discontinuidades em suas histórias de vida. Assim, a escuta proporcionada pelos profissionais da instituição poderia ser, inclusive, uma ferramenta útil no sentido de preencher essas lacunas biográficas, buscando na escuta ativa da criança uma oportunidade de reconstrução de enredos, promovendo um resgate identitário e, a partir disso, abrindo possibilidades para a escrita de novas narrativas, inclusive sobre o período de acolhimento. A empatia, evocando os pressupostos humanistas que embasam o conceito de escuta ativa, deve permitir essa experiência, mas conservando a capacidade daquele que ouve retornar ao seu papel, podendo refletir sobre esses diferentes posicionamentos e os sentimentos experienciados em cada um.



## REFERÊNCIAS

APA, DSM-5. Exhibit 1.3-4. DSM-5 Diagnostic Criteria for PTSD, 2022 (available in: [https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK207191/box/part1\\_ch3.box16/](https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK207191/box/part1_ch3.box16/)).

Batra, S. (2013). The psychosocial development of children: Implications for education and society — Erik Erikson in context. *Contemporary Education Dialogue*, 10(2).

Berridge, D. (2012). Educating young people in care: What have we learned? *Children and Youth Services Review*, 34(6), 1171-1175. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1016/j.childyouth.2012.01.032>

Bolieiro, Helena e Paulo Guerra (2009), *A Criança e a Família - Uma Questão de Direito(s). Visão Prática dos Principais Institutos do Direito da Família e das Crianças e dos Jovens*, Coimbra, Almedina.

BOUMA, H., LÓPEZ, M., KNORTH, E. & GRIETENS, H. Meaningful participation for children in the Dutch child protection system: A critical analysis of relevant provisions in policy documents. *Child Abuse & Neglect*, 79, 279-292.2018.

Bussièrès EL, Malboeuf-Hurtubise C, Meilleur A, Mastine T, Hérault E *et al.* Consequences of the COVID-19 Pandemic on Children's Mental Health: A Meta-Analysis. *Front. Psychiatry*, 2021.

Chodura S, Lohaus A, Symanzik T, Heinrichs N, Konrad K. Foster Parents' Parenting and the Social-Emotional Development and Adaptive Functioning of Children in Foster Care: A PRISMA-Guided Literature Review and Meta-Analysis. *Clin Child Fam Psychol Rev*. 2021 Jun;24(2):326-347. doi: 10.1007/s10567-020-00336-y. Epub 2021 Feb 16. PMID: 33590373; PMCID: PMC8131300.

Delgado P., Baptista, R. F. . A mediação socioeducativa no acolhimento familiar na perspectiva da educação social. *La Plage em Revista*, 2020.

Delgado P., Gersão E. O acolhimento de crianças e jovens no novo quadro legal. Novos discursos, novas práticas? *Análise Social*, 2018.

do Porto PG. Comentário à Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo. *Leya*, 2020.

Dobbertin M, Blair KS, Aloï J, Bajaj S, Bashford-Largo J, Mathur A *et al.* Neural correlates of automatic emotion regulation and their association with suicidal ideation in adolescents during the first 90-days of residential care. *Transl. Psychiatry*, 2024.

Fernández-García O, Gil-Llario MD, Ballester-Arnal R. Does emotion regulation in adolescents in residential care mitigate the association between sexual victimization and poor psychological well-being? *Child. Youth Serv. Rev.*, 2023.

Fonseca, V. (2016). Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. *Revista Psicopedagogia*, 33(102), 365-384. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v33n102/14.pdf>

Franz, B. S. & Branica, V. (2013). The relevance and experience of education from the perspective of Croatian youth in-care. *European Journal of Social Work*, 16(1), 137-152.

Gil, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

Guerra, Paulo (2004), *A nova Justiça de Menores. Três anos depois. 'Para onde vais, rio que eu canto?'*, *Infância e Juventude*, n.º 1, 9-40.



Hueb, M. F. D. (2016). Acolhimento institucional e adoção: uma interlocução necessária. *Revista da SPAGESP*, 17(1), 28-38. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702016000100004&lng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702016000100004&lng=pt)

Ismayilova L, Claypool E, Heidorn E. Trauma of separation: the social and emotional impact of institutionalization on children in a post-soviet country. *BMC Public Health*. 2023 Feb 20;23(1):366. doi: 10.1186/s12889-023-15275-w. PMID: 36803447; PMCID: PMC9942302.

Israelashvili J, Oosterwijk S, Sauter D, Fischer A. Knowing me, knowing you: emotion differentiation in oneself is associated with recognition of others' emotions. *Cogn. Emot.*, 2019.

Koller SH, dos Santos Paludo S, de Moraes NA. Ecological Engagement: Urie Bronfenbrenner's Method to Study Human Development. *Springer Nature*, 2019.

Larkin, L; Shields, J. J; Anda, R. F. (2012) The Health and Social Consequences of Adverse Childhood Experiences (ACE) Across the Lifespan: An Introduction to Prevention and Intervention in the Community. Published online, Pages 263-270.

Lerner RM. Concepts and theories of human development. *Routledge*, 2018.

Lionetti F, Pastore M, Barone L. Attachment in institutionalized children: a review and meta-analysis. *Child Abuse Negl*. 2015 Apr;42:135-45. doi: 10.1016/j.chiabu.2015.02.013. Epub 2015 Mar 5. PMID: 25747874.

Guimarães, L. A. (2015). Escuta da criança no processo de adoção: procedimentos e direitos. In F. Scorsolini-Comin, A. K. Pereira, & M. L. T. Nunes (Orgs.), *Adoção: legislação, cenários e práticas* (pp. 125-147). São Paulo: Vetor.

Martin, P. L. & Jackson, S. (2002). Education success for children in public care: advice from a group of high achievers. *Child and Family Social Work*, 7 (2), 121-130.

Mérida-López S, Quintana-Orts C, Pekaar KA, Pineda-Galán C, Extremera N. Knowing is half the battle: Regulating and appraising emotions co-protect from suicidal ideation. *Death Stud.*, 2024.

Mohamed SM, Marzouk SA, Ahmed FA, Nashaat NAM, Omar RAEAT. Cognitive behavioral program on aggression and self-concept among institutionalized children with conduct disorder. *Arch Psychiatr Nurs*. 2022 Aug;39:84-90. doi: 10.1016/j.apnu.2022.03.012. Epub 2022 Mar 24. PMID: 35688549.

Naylor MW, Wakefield SM, Morgan W, Aneja A. Depression in Children and Adolescents Involved in the Child Welfare System. *Child Adolesc Psychiatr Clin N Am*. 2019 Jul;28(3):303-314. doi: 10.1016/j.chc.2019.02.001. Epub 2019 Apr 4. PMID: 31076109.

Nsabimana E, Rutembesa E, Wilhelm P, Martin-Soelch C. Effects of Institutionalization and Parental Living Status on Children's Self-Esteem, and Externalizing and Internalizing Problems in Rwanda. *Front Psychiatry*. 2019 Jun 19;10:442. doi: 10.3389/fpsy.2019.00442. PMID: 31275183; PMCID: PMC6593105.

Pop-Jordanova N. Different Clinical Expression of Anxiety Disorders in Children and Adolescents: Assessment and Treatment. *Pril (Makedon Akad Nauk Umet Odd Med Nauki)*. 2019 May 1;40(1):5-40. doi: 10.2478/prilozi-2019-0001. PMID: 31152643.

Relatório CASA 2021





[https://www.seg-social.pt/documents/10152/13200/Relat%C3%B3rio+CASA\\_2021/d6eafa7c-5fc7-43fc-bf1d-4afb79ea8f30](https://www.seg-social.pt/documents/10152/13200/Relat%C3%B3rio+CASA_2021/d6eafa7c-5fc7-43fc-bf1d-4afb79ea8f30)

Ross SL, Sharma-Patel K, Brown EJ, Huntt JS, Chaplin WF. Complex trauma and Trauma-Focused Cognitive-Behavioral Therapy: How do trauma chronicity and PTSD presentation affect treatment outcome? *Child Abuse Negl.* 2021 Jan;111:104734. doi: 10.1016/j.chiabu.2020.104734. Epub 2020 Nov 5. PMID: 33162104.

Sapienza, G. & Pedromônico, M. (2005). Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. *Psicologia em Estudo*, 10 (2), 209-216. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/stYqQ6cvpzPJRdqFwRr8NtH/abstract/?lang=pt>

Souza, J., Ferreira, J. C., & de Souza, J. (2021). A importância da validação das emoções das crianças. *Research, Society and Development*, 10(10), 1-11. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/18940/17044>

Spalletta G, Janiri D, Piras F, Sani G. *Childhood Trauma in Mental Disorders: A Comprehensive Approach.* Springer Nature, 2020.

Whitt-Woosley, A.;Sprang,G. Eslinger, J.Foster care during the COVID-19 pandemic: A qualitative analysis of caregiver and professional experiences, *Child Abuse & Neglect*, Volume 124, 2022, 105444, ISSN 0145-2134, <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2021.105444>.